

Pose e ritual de candidato

A mistura da crise de papéis asiáticos da especulação com os encargos da Presidência e mais o peso das exigências de candidato em fase aziaga está submetendo o presidente Fernando Henrique Cardoso a desgaste que não corrói apenas os índices de sua popularidade, mas se reflete na fisionomia fatigada, nos sulcos que se aprofundam quando o sorriso força a nota do otimismo ou se atenuam nas tiradas de bom humor, que são uma das marcas de seu temperamento.

Não é a rotina extenuante a única responsável pelo visível estresse do presidente-candidato. O estilo centralizador fixado no exercício do mandato, que foca todas as luzes no presidente e sombreia o fundo do quadro em que se confundem, nos tons cinzas e nos meios-tons escuros, os ministros, secretários, assessores e demais figurantes da equipe palaciana, acaba exigindo demais do ator principal, forçado a preencher todo o espaço, a improvisar monólogos, a discursar em todas as solenidades e a conceder entrevistas, declarações em cascata, a deslocar-se para estar em toda parte, insubstituível, um e único, dono e senhor do governo.

A moeda tem duas faces. A superexposição garante lugar cativo na mídia, o que é uma vantagem com os seus riscos. Aparecer demais também cansa. E desperta ciúmes, arranha vaidades, cultiva ressentimentos, dissimulados por conveniência. E, acima de tudo, esgarça os frágeis cordões da solidariedade política. Ninguém se considera co-responsável pelo governo que é propriedade exclusiva do presidente que exacerbou o presidencialismo à distorção monárquica. Falar em ditadura seria injusto exagero.

Pelo visto, o presidente não se dá conta de que está falando demais, mostrando-se além dos limites do razoável, impondo a presença falante em duas, três, quatro e mais vezes ao dia. Basta público e microfone que o presidente fala, com a facilidade e a graça do intelectual habituado às platéias do mundo, exercitando raciocínio claro, usando o enfeite das piadas, colhendo êxitos.

Mas, começa a faltar assunto. E o presidente tem se repetido. Quando não é cutucado por perguntas e escorrega nas variações sobre o óbvio. Com preocupante frequência, nem é preciso esperar que complete a frase ou até a inicie. A memória se antecipa na recuperação do texto da véspera. Pior é que o duplo engessamento de presidente e candidato condiciona o modelo invariável: a pose, o ritual, as falas da coroa e as manhas do candidato.

Quantas vezes Fernando Henrique não foi levado a repetir que considera fácil governar o Brasil? No período inaugural de vento a favor a sentença soava como bravata com seu remoque simpático, assim como contraponto à impostura dos generais-presidentes do rodízio da Redentora que não se pejavam de fechar a carranca em máscara de padecente para lamentar-se da dura missão imposta do desfrute das mordomias dos palácios e a delícia das miçangas gratuitas. Mas, agora, francamente, desafi-na grosso como trombone soprado por aprendiz.

Claro, o presidente não pode retirar o que disse. Mas, por que instigá-lo a repetir-se? Afinal, ninguém acredita nem se deixa iludir. E, sem querer, todos acabamos formando no cordão da lorota, no bloco da hipocrisia, cabendo à imprensa o desconforto de patrocinar a anti-notícia.

Se o presidente retrair-se por esperteza e prudência, a todos pouparia dos inconvenientes da superexposição. E, quem sabe, cedendo uma beirada no palco talvez desse oportunidade a que alguém mais se revelasse com qualidades de comunicador para dividir o encargo de carregar a pedra nos trechos difíceis da caminhada.

O sol pode nascer para todos, mas aquece uns poucos. Os demais padecem o frio que, mesmo no verão, enregel-a alma na sombra do anonimato.